

SAÚDE PÚBLICA

Apesar da redução histórica de 97% nos registros, pesquisadores reforçam a importância da vacinação e das ações preventivas para evitar surto no próximo ciclo do *Aedes aegypti*, que começa nos últimos meses do ano

Especialistas alertam sobre risco de nova epidemia

» NATHÁLIA QUEIROZ

Mesmo com uma queda histórica de 97% nos casos de dengue no Distrito Federal este ano, o alerta dos especialistas é claro: não é hora de baixar a guarda. O vírus, que segue um ciclo bienal, deve voltar com força entre o fim de 2025 e o início de 2026, quando termina a imunidade cruzada de boa parte da população infectada no surto do ano passado. Até junho, o DF registrou 6.930 casos prováveis, contra 266.346 no mesmo período de 2024, segundo o Ministério da Saúde. Entre janeiro e fevereiro, a redução foi de 97,3%, alinhada à tendência nacional de queda de 69,25% nos registros. Mesmo assim, autoridades reforçam que a calmaria pode ser apenas passageira. O professor de estatística da Universidade de Brasília (UnB) Breno Adaid lembra que, no ciclo da dengue, o tempo de reação é curto. “Prevenção de focos e muita fiscalização precisam acontecer antes das chuvas. Depois que começar, já era”, alerta. Ele explica que o comportamento da curva de casos em outubro e novembro será decisivo para projetar o próximo ciclo. Se subir cedo e rápido, o risco é de uma nova onda agressiva. Se for tardia, teremos uma oscilação não tão agressiva. “Em resumo, os casos não podem estourar no fim do ano, pois ainda teremos muitos meses de chuva e eles só subirão mais. Mas se eles subirem tardiamente, teremos uma pequena onda”, afirma o professor.

Vacinação

Para além do controle vetorial, a vacinação também é vista como aliada da luta. Até junho de 2025, foram aplicadas 263.132 doses no DF, mas a cobertura ainda está longe da meta de 90% para a primeira dose. A adesão é maior entre crianças de 11 anos, que atingiram 67,6% na DI, mas a taxa de abandono é grande, chegando a 64% entre os de 10 anos. A baixa procura pela segunda dose mantém grande parte do público-alvo sem imunização completa, o que tem deixado brechas para a circulação do vírus. A infectologista Emy Akiyama Gouveia, reforça que a faixa etária de 10 a 14 anos, escolhida pelo Programa Nacional de Imunizações (PNI) para a vacinação contra a dengue, foi definida com base em dados epidemiológicos. “Essa foi a faixa que, dependendo do município, apresentava as maiores taxas de hospitalização”, explica. Fora dessa faixa etária, a vacina não está disponível no SUS, mas pode ser aplicada na rede privada. “Toda vacina que esteja disponível, seja na rede pública ou privada, é sempre importante e válida. Uma pessoa que tenha condições de buscar a imunização particular deve fazê-lo, porque ela previne as formas graves e óbitos, especialmente em quem já teve dengue”, orienta. Ela ainda ressalta que a indicação é de pessoas de 4 a 60 anos de idade, pois, para essa população, existem estudos. “Para as outras idades, ainda não há indicação”, afirma. A mãe, Suzana Dias, 57 anos, conta que o filho Miguel, de 13, recebeu as duas doses da vacina contra a dengue. “Ele tomou a primeira aos 12 anos e a segunda aos 13. Decidimos vaciná-lo porque houve muita repercussão na tevê sobre os casos de dengue em Brasília. Mesmo morando em Águas Claras (área com poucos casos), levamos ele para se vacinar. Miguel está

Bruna Gaston CB/DA Press



A população precisa evitar jogar lixo em terrenos baldios para conter a propagação do mosquito da dengue

Palavra de especialista

Vírus pode matar

O vírus que causa a doença possui quatro sorotipos, e cada um pode provocar a enfermidade separadamente. Assim, uma pessoa pode adoecer até quatro vezes ao longo da vida. Geralmente, o segundo episódio tende a apresentar sintomas mais graves, com risco de queda acentuada da pressão arterial, o chamado choque, que pode levar ao óbito. Em alguns casos, o vírus também causa danos importantes a órgãos como coração, fígado e rins, igualmente com risco de morte.

No início, a dengue costuma provocar febre, dores musculares e dor de cabeça, entre outros sintomas. Podem ocorrer sangramentos na pele, mas sinais como dor abdominal intensa, sangramentos pelo nariz, boca ou intestino, vômitos em grande quantidade e abatimento acentuado, especialmente em crianças pequenas, indicam possível gravidade. Nessas situações, o paciente deve ser encaminhado imediatamente a uma unidade de saúde para receber tratamento adequado.

*Kleber Luz é médico infectologista, consultor para Arbovírus da Opas & OMS, coordenador do Comitê de Arbovírus da SBI e professor da UFRN.

Shinji Kasai/Courtesy of Shinji Kasai/AFP



Mosquito *Aedes aegypti* é transmissor de doenças como a dengue

com todas as vacinas em dia e sempre que surgem campanhas, aproveitamos para levá-lo. A primeira dose foi aplicada no posto de saúde de Águas Claras, e a segunda,

em Taguatinga”. Suzana também comenta que a Secretaria de Saúde enviou uma mensagem pelo WhatsApp avisando sobre o momento da segunda dose.

Bruna Gaston CB/DA Press



Eliane Raye passou a prestar mais atenção na limpeza do condomínio

Novas tecnologias

O período de seca é considerado o momento mais estratégico para combater a dengue, antes da chegada das chuvas, quando a proliferação do *Aedes aegypti* se intensifica. E a empresária Eliane Raye sabe bem o quanto a doença pode afetar a saúde. Entre 2022 e 2023, ela enfrentou dois episódios de dengue comum e, em 2019, teve a forma hemorrágica. “Tudo sangra, você não consegue se locomover. Quando tive a hemorrágica, não havia testes rápidos, demoraram para entender o que eu tinha”, relembra. A experiência fez com que ela mudasse a rotina e adotasse hábitos de prevenção dentro de casa. “A gente sempre acha que é com o vizinho. Então comecei a estudar e ler mais sobre, para prevenir e evitar pegar novamente. Lá, no condomínio onde moro, no Cruzeiro, conversei com as pessoas quando vejo uma situação de risco”, relata. Diante do cenário atual, o GDF intensificou as visitas domiciliares dos agentes de vigilância e o tratamento de focos. De acordo com o subsecretário de Vigilância à Saúde, Fabiano dos Anjos, as ações incluem estações exterminadoras de larvas,

Importância da vacinação

O subsecretário de Vigilância à Saúde, Fabiano dos Anjos, reforça que a imunização contra a dengue só é completa após a aplicação das duas doses previstas no esquema vacinal. “Sem completar o esquema, de acordo com o intervalo preconizado, a proteção cai substancialmente. Por isso, é fundamental tomar a primeira e, depois, retornar para a segunda dose”, alerta. Ele lembra que a principal função da vacina é evitar casos graves e óbitos provocados pela doença. “A vacina não impede 100% das infecções, mas, nesse público de 10 a 14 anos, todos que tomarem, mesmo que ainda assim adquiram a doença, não vão ter complicação, não vai gerar hospitalização, não vai gerar um quadro de gravidade”, explica. Segundo o subsecretário, a proteção conferida pelo imunizante é especialmente eficaz contra as formas mais graves da dengue. Apesar da disponibilidade das doses, o cenário atual é de preocupação. A cobertura vacinal está abaixo do recomendado e há uma grande taxa de abandono do esquema, com adolescentes e crianças que não retornam para receber a segunda aplicação. “É importante esse apelo também aos pais das crianças e adolescentes: levem seus filhos até a unidade de saúde para completar o esquema vacinal”, ressalta Fabiano dos Anjos.

Quem pode se vacinar

• No DF, a Secretaria de Saúde (SES-DF) mantém crianças e adolescentes de 10 a 14 anos como público exclusivo da campanha de vacinação contra a dengue. A vacina é aplicada em duas doses, com um intervalo de 90 dias entre elas. Ela também está disponível na rede privada para outras faixas etárias, no entanto, na rede pública do DF, a imunização segue restrita a esse público-alvo.

armadilhas de monitoramento e o uso de drones e aplicativos para mapear áreas em situações críticas. Uma das novidades é a adoção do método Wolbachia, testado em cidades como Niterói e Belo Horizonte, que utiliza mosquitos *Aedes aegypti* infectados com uma bactéria capaz de impedir a reprodução do vírus no organismo do inseto. Em parceria com o Ministério da Saúde, a previsão é de que as solturas comecem nas próximas semanas. “A proposta é fazer a substituição dos mosquitos que estão com a bactéria por aqueles mosquitos que não estão. Vai chegar um momento em que vai ter mais mosquitos com ela que sem, e assim, a gente consegue diminuir a transmissão no Distrito Federal”, explica Fabiano. Ele lembra que os ovos do mosquito podem sobreviver por até 400 dias em locais secos, aguardando o contato com a água para eclodirem. Por isso, a população deve aproveitar a estiagem para eliminar recipientes que acumulem água e limpar calhas, telhados e recipientes de animais. “Basta retirar 10 minutos na semana para inspecionar a casa e evitar criadouros. São medidas simples que recomendamos e fazem diferença”, orienta.

desde 2023, e os mosquitos infectados pela bactéria Wolbachia, cuja fábrica foi inaugurada este ano. Um conceito essencial, no entanto, permanece imutável: todas as medidas de controle da dengue são sempre mais eficazes quando instituídas na fase pré-sazonal. Esperar o aumento dos casos é “correr atrás do prejuízo”. A hora de se preocupar com o problema e começar a agir é exatamente esta.

*Thor Dantas, MD, PhD, é infectologista e hepatologista. Professor da Universidade Federal do Acre

Artigo

É hora de se preocupar

A dengue se tornou a principal endemia urbana do país, desde sua introdução no início da década de 1980. Sua ocorrência experimental variações previsíveis em ciclos sazonais anuais, relacionadas a temperatura e umidade, e ciclos mais longos, de 3 a 5 anos, relacionados ao acúmulo de suscetíveis.

A introdução de novos sorotipos, a (in) consistência das ações de controle, a mobilidade populacional e os efeitos das mudanças climáticas também determinam variações conhecidas na ocorrência da doença. Em 2024, tivemos a maior epidemia já documentada no país, com cerca de 6 milhões de casos notificados. No início de 2025 o Ministério da Saúde retomou os trabalhos do Centro de Operações de Emergência (COE) e lançou o Plano de Contingência Nacional, como instrumentos de resposta e preparação, definindo responsabilidades e ações a

serem adotadas pelas esferas federal, estadual e municipal. Cada nível de gestão do SUS deve elaborar seu plano, customizado às características locais, com ações proporcionais à gravidade do problema em seu território e ao seu estágio operacional. As medidas essenciais incluem 1) vigilância epidemiológica, com ferramentas de monitoramento de casos e de circulação viral; 2) controle vetorial de combate ao Aedes; 3) preparação da rede de assistência, com capacitação de profissionais e organização

dos serviços; 4) comunicação e mobilização social, visando informar e engajar a população. A implementação das medidas exige integração entre diferentes estruturas de governo e da sociedade civil, com articulação intersetorial ampla de áreas como secretarias de obras, limpeza urbana, comunicação, meio ambiente, escolas, associações de classe, profissionais e mídia. Após 40 anos usando as mesmas ferramentas, duas novas tecnologias prometem contribuir significativamente no enfrentamento: a vacina, disponível